



DOSSIÊ – Desafios contemporâneos

Os usos públicos do passado como fonte para o estudo do desastre da talidomida na Espanha

Dones Claudio Janz Jr.

Doutorando em História, UESC – Prof. Depto. História UEPG
donesjr@hotmail.com

Como citar este artigo: Janz Jr., Dones Claudio. “Os usos públicos do passado como fonte para o estudo do desastre da talidomida na Espanha”. Khronos, Revista de História da Ciência, nº 7, pp. 45-55. 2019. Disponível em <<http://revistas.usp.br/khronos>>. Acesso em dd/mm/aaaa.

Resumo: A teratogenia provocada pela talidomida em bebês é considerada pela ciência como um dos grandes desastres farmacêuticos do século XX. Fabricada por uma empresa alemã, a Grünenthal, a droga foi comercializada em mais de 40 países a partir do final da década de 1950, afetando milhares de crianças. Na Espanha, a talidomida ocupa espaço na mídia até os dias atuais, sobretudo, por conta das ações da Associação de Vítimas da Talidomida na Espanha (AVITE). A AVITE, ao buscar a reparação às vítimas, atua em indiferentes instâncias. Nesse artigo analisaremos algumas das ferramentas utilizadas publicamente pela associação, buscando demonstrar como elas são acionadas na luta por justiça aos afetados.

Palavras-chave: Talidomida, Espanha, AVITE, Reparação, Usos do passado.

The public uses of the past as a source for the study of the thalidomide disaster in Spain

Abstract: The teratogeny caused by thalidomide in infants is considered by science to be one of the great pharmaceutical disasters of the twentieth century. Manufactured by a German company, the Grünenthal, the drug was marketed in over 40 countries from the late 1950s, affecting thousands of children. In Spain, thalidomide occupies media space to this day, mainly due to the actions of the Association of Victims of Thalidomide in Spain (AVITE). AVITE, in seeking redress for the victims, acts in indifferent instances. In this article we will analyze some of the tools publicly used by the association, trying to demonstrate how they are triggered in the struggle for justice for those affected.

Keywords: Thalidomide, Spain, AVITE, Repair, Uses of the past.

Introdução

A talidomida, fármaco vendido no final da década de 1950 como indutor do sono e moderador das náuseas causadas pela gravidez, foi responsável por um dos maiores desastres relacionados ao uso de medicamentos do século XX: o nascimento de milhares de bebês com deformidades congênitas. Produzida pela empresa farmacêutica Chemie Grünenthal, da Alemanha Ocidental, alcançou grande sucesso a partir de 1957, sendo comercializada, em 1959, em 48 países da Europa e África, assim como no Japão, Austrália e Canadá alcançando depois outros países da América do Sul, especialmente o Brasil¹.

Esse medicamento foi inicialmente vendido sem necessidade de prescrição médica, pois a Grünenthal afirmava que ele era inteiramente atóxico. No final de 1961, entretanto, “ficaram evidentes os resultados clínicos de que a droga era a responsável pela epidemia do nascimento de milhares de bebês, em várias partes do mundo, especialmente na Europa, com diversos sinais teratológicos”². Estudos posteriores confirmaram que uma das deformações provocadas pelo medicamento, a focomelia³, era fruto da iatrogenia medicamentosa. Milhares de recém-nascidos que foram atingidos pelos efeitos colaterais da droga ficariam conhecidos como “bebês da talidomida”⁴.

Com a confirmação de sua toxicidade, a talidomida foi retirada do mercado mundial a partir de dezembro de 1961⁵. Na Espanha, entretanto, documentos disponíveis no site da AVITE demonstram propaganda da marca SOFTENÓN datada de dezembro de 1961 (figura 1). A retirada de marcas como o ENTEROSSEDIV, que também continha talidomida na sua fórmula química, foi efetivada apenas a partir de setembro de 1962.

Foi nesse cenário que a imprensa espanhola repercutiu aquilo que nomeou como a “tragédia da talidomida”. Periódicos de grande circulação como o *Hoja del Lunes* e o ABC estamparam em suas páginas reportagens acerca dos desdobramentos do caso. Ao longo das décadas seguintes, os jornais ainda dedicariam suas páginas ao traumático evento, mas com menos fôlego. Notícias sobre como os “meninos e meninas da talidomida” viviam e tinham suas necessidades atendidas apareceriam esporadicamente.

¹ MARTÍNEZ-FRÍAS, M. L. Talidomida: 50 años después. *Med Clin. Barcelona*, n. 139, p. 25-32, 2012.

² LEANDRO, J. A.; LOPES, B. A. Talidomida no Brasil: uma história de iatrogenia medicamentosa esquecida pelas ciências humanas e sociais. *Jornada de Sociologia da Saúde*, v. 7, 2013, p. 24.

³ Atrofia ou ausência de braços e pernas, ficando pés e mãos ligados diretamente ao tronco, à semelhança das nadadeiras das focas.

⁴ LEANDRO, J. A.; SANTOS, F. L. História da talidomida no Brasil a partir da mídia impressa (1959-1962). *Saúde e Sociedade*, v. 24, n. 3, p. 991-1005, 2015.

⁵ MORO, A.; INVERNIZZI, N. A tragédia da talidomida: a luta pelos direitos das vítimas e por melhor regulação de medicamentos. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 24, n. 3, 2017, p. 607.

Contudo, a partir dos anos 2010, com o pagamento da indenização para algumas vítimas de malformações provocadas pela tragédia por parte do governo espanhol e a investida da Associação de Vítimas da Talidomida na Espanha (AVITE) para o ressarcimento dos afetados pela Grünenthal, a talidomida tornou-se novamente um assunto de grande repercussão.



Figura 1: propaganda farmacêutica que apresenta o medicamento SOFTENÓN, de dezembro de 1961.

Fonte: <<http://www.avite.org/>>. Acesso em 10/07/2018.

A AVITE, organização criada em março de 2004, é responsável por ações judiciais contra a indústria farmacêutica alemã solicitando sua responsabilização pelas malformações nos recém-nascidos e o ressarcimento pelos danos provocados. Por outro lado, atua fortemente por meio das novas mídias, ao manter online uma série de documentos, notícias veiculadas pela imprensa, relatórios científicos, vídeos com depoimentos, spots publicitários, entre outras diversas ferramentas que legitimam suas demandas. Assim, está diretamente envolvida no embate público pelo reconhecimento e indenização das vítimas das deformações provocadas pela ingestão do fármaco, a partir de diferentes materiais e estratégias.

Ao escolhermos pensar como o desastre da talidomida na Espanha reverbera através do trabalho da AVITE na atualidade, buscamos entender como suas estratégias narrativas buscam tornar público e atual esse debate. Tomado como um evento que possui desdobramentos no presente por conta das reivindicações por reparação realizadas pela associação de vítimas espanholas da talidomida, nosso objeto será tratado nesse artigo pelo viés da história do tempo presente.

Henry Rousso defendeu que, nessa modalidade, o historiador ou a historiadora devem assumir o entendimento de que produz uma história inacabada, de caráter provisório. Com isso, partimos do pressuposto que lançamos “um olhar fluido sobre fatos em vias de realização e numa realidade que continua a viver em nosso presente”⁶, situação que não deslegitima nossa opção.

Retomando Rousso⁷, para quem os historiadores do tempo presente “estão em uma situação ideal para ter empatia com seus contemporâneos sem precisar forçar sua imaginação”, defendemos que nossa pesquisa se apresenta como uma reflexão importante acerca de demandas sociais como a apresentada pela AVITE por refletir sobre a situação no mesmo momento em que as vítimas lutam para serem reconhecidas e reparadas pelos danos físicos e psicológicos que vivenciam ao longo das últimas cinco décadas.

A História Pública Digital como ferramenta de análise

Nesse artigo, buscamos entender nosso objeto a partir de temas comuns à história do tempo presente e à história pública. Para alcançarmos tal objetivo, a noção de história pública digital será acionada como elemento norteador para a análise da configuração de uma memória a respeito da talidomida na Espanha. Essa escolha se pauta na percepção, já indicada por Serge Noiret, de que a “história digital remodelou a documentação do historiador e os instrumentos usados para seu acesso”⁸.

Não obstante, o alarido atual acerca dos elementos digitais e sua utilização em pesquisas atinge historiadores e historiadoras. Para Gerbe Zaagsma, a “tecnologia tornou-se onipresente e muito mais difundida do que dez ou quinze anos atrás, e a internet tornou-se central para o trabalho do historiador; permitindo maior coleta e processamento de informações, trabalhando com literatura acadêmica ou fontes primárias”⁹.

A possibilidade de contarmos com muitas fontes por meio do universo digital e a vontade de refletir sobre a forma pelas quais são utilizadas na atualidade, nos insere na busca por novas formas de trabalhar com elas. Logo, a gestão para gerir as tecnologias digitais atuais se

⁶ ROUSSO, H. *A última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2016, p. 263.

⁷ *Ibidem*, p. 264.

⁸ NOIRET, Serge. História Pública Digital. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v.11, n.1, maio 2015, p. 29.

⁹ ZAAGSMA, Gerben. On digital history. *BMGN – Low Countries Historical Review*, v. 128, n. 4, dez. 2013. Disponível em <<http://www.bmg-nlchr.nl/index.php/bmg-nl/article/view/URN%3ANBN%3ANL%3AUI%3A10-1-10020>>. Acesso em: 19 mar. 2019, p. 17.

apresenta como um desafio aos historiadores e historiadoras, pois essa forma massiva de publicação torna as fontes cada dia mais difundidas perante o público, sendo usadas, com frequência, fora da profissão¹⁰.

Nesse sentido, o desafio se desloca da criação de conjunto de dados cada vez maiores ou do desenvolvimento de novas ferramentas analíticas (por mais relevantes que sejam), para a busca pela integração entre práticas tradicionais e digitais em uma nova prática historiadora¹¹. Um dos importantes subsídios trazidos pelas tecnologias digitais atuais consiste na possibilidade de que os historiadores e as historiadoras reconheçam a existência de outras formas de organização sócio temporais, trazendo a perspectiva de que a compreensão não está na acumulação de dados e fontes, e sim no plano da construção de relações e conexões entre as informações disponíveis.

Entendemos, como afirmam Rovai e Lima¹², que as histórias concernentes ao desastre da talidomida na Espanha tornadas públicas pela AVITE, permitem o “acesso aos fatos e seus significados às gerações posteriores, que herdam e sofrem a disputa por memórias que não lhes pertencem diretamente como passado, mas que passam a fazer sentido em sua vivência no presente”. Assim sendo, buscam sensibilizar o público no que diz respeito a busca por reparação, ao apresentar e utilizar como argumento para suas demandas, feridas que não estão devidamente cicatrizadas.

Com o surgimento da chamada web 2.0, diferentes maneiras de narração histórica passaram a ser abertos a qualquer pessoa que possua acesso à rede. Ademais, as possibilidades de intervenção na web, como a publicação de blogs e páginas que podem ser editadas por diversos colaboradores, “permitiram uma interação entre o trabalho de quem escreve e o de quem lê, não apenas com intervenções críticas ou sugestões para completar o discurso, mas, ainda, com o acréscimo direto e sem mediação de outras fontes documentais”¹³.

Nesse cenário, história e memória deixaram de ser características da comunidade acadêmica, tornando-se uma prática acessível a qualquer pessoa através da rede digital. Portanto, “a web deve ser compreendida como história “viva” e “pública”, praticada de forma interativa por todos, e não mais limitada à atividade dos historiadores acadêmicos”¹⁴.

¹⁰ NOIRET, Serge. *La digital history: histoire et mémoire à la portée de tous*. In: MOUNIER, Pierre (Org.). *Une introduction aux humanités numériques*. Marseille: Open Edition Press, 2012. Disponível em <<http://press.openedition.org/258>>. Acesso em 20 mar. 2019.

¹¹ ZAAGSMA, Gerben. On digital history. *BMGN – Low Countries Historical Review*, v. 128, n. 4, dez. 2013. Disponível em <<http://www.bmgn-lchr.nl/index.php/bmgn/article/view/URN%3ANBN%3ANL%3AUI%3A10-1-10020>>. Acesso em: 19 mar. 2019, p. 17.

¹² ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira; LIMA, Rafael Flores. Memória Massacre Carandiru: a história pública digital contra o esquecimento. *Revista Observatório*, v. 2, n. 1, p. 92-117, 2016.

¹³ NOIRET, Serge. História Pública Digital. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v.11, n.1, maio 2015, p. 34.

¹⁴ *Ibidem*, p. 35.

Entretanto, o processo de publicização do passado pelas redes digitais, pode criar problemas aos historiadores e historiadoras ao impedir, por conta de um desconhecimento real dos significados das novas tecnologias, a seleção e a crítica das narrativas ali expostas. Dessa forma, qualquer pessoa ou organização consegue montar uma exposição ou montagem de documentos e imagens, por exemplo, podendo interpretar sua história, sem preocupação com o distanciamento ou a postura crítica diante da narrativa apresentada.

O movimento para evitar distorções e adensar o conhecimento de determinado processo com o devido distanciamento é a intermediação dessas novas fontes digitais pelos chamados “historiadores públicos digitais”. Segundo Noiret, esses profissionais seriam os responsáveis pelo “devido distanciamento no confronto com o passado, gerenciar essas coletas de documentos, “filtrar”, mediar, conectar comunidades e públicos diversos, encaminhar os novos conhecimentos sobre o passado por meio do potencial das tecnologias digitais¹⁵.

Incentivados pela proposta de Noiret, buscamos analisar o repositório de fontes disponíveis no site da AVITE buscando adensar o conhecimento acerca das questões que envolvem o desastre da talidomida na Espanha e seus desdobramentos no presente. Sobre esse aspecto, o autor menciona que é certamente o papel do historiador público “construir uma história pública digital que seja capaz de fazer frente e de mediar de modo crítico a manifestação incessante das memórias privadas – e das memórias coletivas embalsamadas”¹⁶.

Para tanto, partimos do site da AVITE, no qual campanhas publicitárias, entrevistas com profissionais médicos, documentos legais, cópias de receitas médicas, notícias de jornais e internet, testemunhos das vítimas, entre outros, constituem uma miríade de instrumentos digitais publicados com o objetivo de comprovar sua condição, elaborar uma narrativa própria sobre o desastre medicamentoso e sensibilizar o público.

Testemunhos, usos do passado e spots publicitários: as fontes disponíveis no site da AVITE

No site elaborado pela associação de vítimas espanholas, reportagens com documentos que comprovam situações silenciadas pela grande mídia chamam a atenção. Sob o *título Recetas de Talidomida en España en los años 1976, 1977 y 1978*, por exemplo, são apresentados diversos receituários que supostamente comprovariam o uso da droga farmacêutica mesmo depois de sua proibição.

¹⁵ Ibidem, p. 37.

¹⁶ Ibidem, p. 40.

Em outra página, observamos a afirmação de que a Grünenthal sabia do potencial risco a saúde das pessoas em abril de 1960, ou seja, dois anos da comprovação feita por Lenz de que a talidomida possuía efeitos adversos que provocavam ausência de diferentes partes dos membros nos bebês¹⁷. Tal afirmação é baseada em um trecho da sentença da justiça alemã contra a Grünenthal, de 1971.

No site, o fragmento “*En abril de 1960 Grünenthal ya sabía que la Talidomida producía Poli-neuritis*” presente na decisão judicial é utilizado como comprovação de que a empresa alemã usou de má-fé ao continuar propagando que a talidomida era totalmente inócua até, pelo menos, setembro de 1961, quando páginas publicitárias divulgadas em revistas médicas podem ser visualizadas.

Esses exemplos iniciais nos permitem perceber a tentativa de constituição de uma memória pública negativada da Grünenthal na atualidade, a partir de sua responsabilização baseada em documentos que atestam a ciência da companhia durante a conjuntura que levou às malformações congênitas. Sabemos que isso não constitui um “resgate do passado” e sim, um mecanismo pelo qual o grupo envolvido busca constituir uma compreensão das permanências relacionadas às violações impetradas pela Grünenthal com o objetivo de modificar o seu presente.

Entretanto, não é apenas a farmacêutica alemã que a AVITE busca responsabilizar pelo desastre. A partir da confrontação com registros sanitários espanhóis posteriores a essa baliza temporal, a associação responsabiliza concomitantemente o estado espanhol ao afirmar que (grifos nossos): “*La farmacéutica germana la sabia, y en España continuó exportando, vendiendo y publicitando masivamente la talidomida, a pesar de ser plenamente consciente de sus consecuencias nefastas*”¹⁸.

Entre as centenas de materiais presente no site da AVITE, alguns são testemunhos nos quais a memória acerca do evento traumático é ativada, permitindo que as próprias vítimas descrevam seus olhares acerca do ocorrido. Um dos casos mais emblemáticos é a entrevista realizada em 19 de abril de 2018, com María Rosa Sánchez, chamada de “madre coraje de la talidomida” pela associação.

Na página que nos proporciona a produção audiovisual com o testemunho, María é apresentada assim: “Hoje, María Rosa é a oradora e a amplificadora de todas as mães que morreram e das que continuam vivas. Ele denunciou em voz alta e continua a fazê-lo hoje, as injustiças cometidas contra os afetados e suas famílias, e que continuam a comprometer os hoje”¹⁹.

¹⁷ MARTÍNEZ-FRÍAS, M. L. Talidomida: 50 años después. *Med Clin. Barcelona*, n. 139, p. 25-32, 2012.

¹⁸ AVITE, 2016. Disponível em <<https://www.avite.org/abril-1960-grunenthal-sabia-talidomida-produccion-polineuritis/>>. Acesso em 27/06/2019.

¹⁹ AVITE, 2018. Disponível em <<https://www.avite.org/maria-rosa-sanchez-madre-coraje-de-talidomida-en-los-60/>>. Acesso em 09/05/2019.

Percebe-se, pelo texto de apresentação, uma estratégia narrativa pautada na potencialização da figura materna simbolizada por María, isto é, ela representaria todas as mães que tiveram suas vidas atravessadas pela tragédia. Essa exaltação busca legitimar o sujeito histórico de forma a convencer o público que sua fala reverbera com força, ao incorporar as vozes de outras mães de vítimas, até mesmo das que já morreram.

Outra característica do texto é a relação feita entre o desastre e o presente. De forma enfática, María é descrita como alguém que sofreu e lutou durante as cinco décadas que se passaram desde o evento traumático até a atualidade. Nessa chave, o presente brota como algo não resolvido, o que evidencia o valor do testemunho para cobrar a responsabilização daqueles que a associação aponta como culpados pelo sofrimento infundável, isto é, a Grünenthal e o Estado Espanhol.

O audiovisual em si, começa com um trecho escrito, no qual é apresentado um recorte de jornal no qual se lê “*La administración silencio nuestra existência*”²⁰ acompanhado de uma melodia triste. Em seguida, María é entrevistada, e descreve os dias após o nascimento do seu filho que apresentava focomelia.

O testemunho de María, dessa forma, além de consistir em uma estratégia para narrar os acontecimentos relativos às mães vítimas da talidomida, funciona como um elo de identificação entre os afetados e o público. Sobre isso, Lage afirma que “é preciso reconhecer o testemunho como o que funda um comum entre nós e sujeitos distantes, como o que nos aproxima ao mesmo tempo em que nos afasta do sofrimento dos outros”²¹.

Outro fato importante a ser explicitado é a presença na página do testemunho, de uma imagem que completa a estratégia narrativa de ligar o presente ao passado, num processo inacabado. Nela, visualizamos a manchete do jornal da época e a foto da própria María e de seu filho apresentando a focomelia (FIGURA 2). A ligação estabelecida entre o passado e o presente se completa e vitaliza a proposta de levar ao público uma memória de injustiça histórica, a qual clama por reparação.

²⁰ Idem.

²¹ LAGE, L. R. O testemunho do sofrimento como problema para as narrativas jornalísticas. *Revista Contracampo*, vol. 27, n. 2, p. 71-88. Niterói, 2013, p. 74.



María Rosa y su hijo Jose Antonio en la Revista AMA en diciembre de 1962

FIGURA 2: Imagem de página de jornal publicado em 1962 no qual aparecem María e seu filho, vítima da ingestão da talidomida.

Fonte: <<https://www.avite.org/maria-rosa-sanchez-madre-coraje-de-talidomida-en-los-60/>>. Acesso em 09/05/2019.

Marta Rovai e Rafael Lima²², ao problematizar a utilização do universo digital para a instituição do que chamam de “suporte de memória”, entende que essa prática permite combater a injustiça social e o silêncio de parte da mídia, pouco interessada em questões consideradas ultrapassadas. Assim sendo, podemos concluir que, ao utilizar a web como suporte para tornar públicas e vivas suas demandas, a AVITE luta contra o desinteresse público e do estado espanhol, ao mesmo tempo que elabora uma narrativa própria, mas não menos legítima, acerca dos acontecimentos referentes a talidomida na Espanha.

Sobre esse aspecto, os autores afirmam que “é imprescindível tornar pública cada história, reivindicar a nomeação dos culpados, a responsabilização e as reparações, estabelecendo-se um confronto político, histórico e até mesmo jurídico”²³ entre os possíveis responsáveis e os afetados pela transgressão cometida.

²² ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira; LIMA, Rafael Flores. Memória Massacre Carandiru: a história pública digital contra o esquecimento. *Revista Observatório*, v. 2, n. 1, p. 92-117, 2016.

²³ *Ibidem*, p. 94.

Dentre tantas possibilidades de fontes a serem analisadas, um spot publicitário chama a atenção: o vídeo de pouco mais de dois minutos de duração chamado Felicitación de las víctimas de la talidomida en España²⁴. Produzido no ano de 2014 pela própria associação de vítimas, ele reproduz alguns dos afetados pela droga aplaudindo ironicamente a Grünenthal que, pouco tempo antes, tinha conseguido anular a decisão que determinava o pagamento de indenizações aos portadores de deficiência causada pela talidomida no país.

O vídeo inicia apresentando frases que expõem as malformações provocadas pelo medicamento ocorridas há mais de 50 anos, tendo como pano de fundo uma fotografia de uma criança atingida pelas deformações congênitas. Após exibir várias das vítimas adultas batendo palmas à empresa alemã, permeadas por uma trilha sonora bastante emotiva, ele se encerra com a frase “La ética no debería prescribir”. O spot publicitário da AVITE ganhou o Leão de Bronze em Cannes em 2015, o que o fez bastante conhecido na sociedade espanhola, com cerca de oitenta e oito mil visualizações na data do último acesso.

Vislumbrando elaborar uma memória negativa acerca da empresa alemã no presente, a AVITE se utiliza da produção de spots comerciais para atingir um público maior do que aquele que os tradicionais canais que noticiam essas questões atingem, ou mesmo, se interessam por atingir. Optar por narrar a história por meio de ferramentas com maior impacto nos dias de hoje, tal qual a internet e os canais de vídeos on-line, permite a associação elaborar um conhecimento acerca da tragédia da talidomida junto ao público a fim de conseguir apoio ampliado às suas demandas.

Considerações finais

No caso específico do site da AVITE, o exercício de estimular diálogos e reflexões públicas transcende o trabalho acadêmico. Elaborado pelas vítimas que buscam a reparação pelos danos gerados pela talidomida, ele não conta com a intervenção de um historiador. Sendo assim, a priori difere-se da proposta de alguns historiadores e historiadoras que entendem que a história pública deve ser intermediada pelos mais variados especialistas oriundos da academia.

Em contrapartida, se assemelha ao engajamento da história pública suscitado por Ricardo Santhiago, a denominada história feita pelo público. Para ele, exemplos bem-sucedidos de história pública são “todas aquelas iniciativas de histórias feitas pelo público que não conhecemos, mas que efetivamente existem; todas as formas não institucionais de memória e de história que são também história pública”²⁵.

²⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ad10IHV5pts>. Acesso em 25/07/2018.

²⁵ SANTHIAGO, Ricardo. O público como protagonista da história. *Blog de História, Ciências, Saúde – Man-guinbos*, 2014. Disponível em: <http://www.revistahesm.coc.fiocruz.br/o-publico-como-protagonista-da-historia/>.

A estruturação do site de forma a apresentar a história dos afetados pela talidomida diretamente ao público, sem a participação de historiadores ou historiadoras profissionais coaduna também com a análise de Noiret. Indicando que estudos recentes demonstram que grande parte do público estadunidense, australiano e canadense prefere conhecer histórias de grupos ou comunidades de forma direta, sem mediação profissional, o autor assevera que essa demanda pública foi, em certa medida, atendida pelas redes digitais. “As atividades de “história pública digital” nos sites interativos da web de nova geração 2.0 favorecem um encontro “face a face” com a história e as suas fontes”²⁶.

Sendo assim, podemos sugerir que o enfoque desta perspectiva de história pública recai sobre a relação entre o conteúdo histórico e seu receptor. Ela visa tornar tal conteúdo acessível, difundindo-o através de uma miríade de canais: a internet, a literatura de ficção e não ficção, o jornalismo, a televisão, o cinema, o turismo histórico, os museus, os memoriais, a educação histórica, entre outros.

As estratégias utilizadas pela AVITE por meio dos usos do passado presentes em seu site, constituem-se assim, em uma tentativa de publicização de suas demandas, de forma a angariar força em busca de seus objetivos. Nesse sentido, podemos fazer aproximações com as assertivas de Thomas Cauvin²⁷ que, ao apresentar um panorama acerca da história pública no mundo, indica crescente demanda por novas formas de comunicação para audiências não acadêmicas, tais como as novas mídias e filmes.

Se partirmos do entendimento que os meios de comunicação atuais são o principal lugar das experiências coletivas, tal como afirma Barbosa²⁸, podemos ressaltar ainda a relevância dos usos do passado feitos por eles. Desse modo, a utilização feita pela AVITE parece responder a uma emergência desses veículos como eventuais construtores da história pública no mundo.

²⁶ NOIRET, Serge. História Pública Digital. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v.11, n.1, maio 2015, p. 37.

²⁷ CAUVIN, T. The Rise of Public History: An International Perspective. *Historia Crítica*, n. 68, p. 3 -26, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.7440/histcrit68.2018.01>.

²⁸ BARBOSA, M. Imprensa e História Pública. In: MAUAD, A. M., DE ALMEIDA, J. R., SANTHIAGO, R. *História Pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.